

CEDI - P. I. B.
DATA 12, 06, 86
COD MGD02

Relatório sobre  
5 anos de atuação no  
P.I. MĚKRĀGNOTÍ (2ª D.R)

Gustaaf Verswijver

10 DE AGOSTO 1979

S U M Á R I O :

- dados introdutórios . . . . .	1
- 1. demografia . . . . .	2
- 2. a aldeia . . . . .	4
- 3. a sede da FUNAI e seus funcionarios. . . . .	5
- 4. relacionamento económico dos índios com a FUNAI. . 9	
- a. assistência da FUNAI. . . . .	10
- b. artesanato e couros . . . . .	10
- c. a colheta de castanha . . . . .	12
- 5. cajuru ou cajulu . . . . .	15
- 6. a saúde. . . . .	17
- 7. educação . . . . .	20
- 8. agricultura. . . . .	21
- 9. o Instituto Linguístico do Verão (S.I.L.) . . . . .	21
-10. a situação da terra dos índios Mēkrāgnotí: uma reserva adequada . . . . .	24
- a. ocupação da área pelo grupo indígena. 24	
- b. propostas já existentes para a re- serva Mēkrāgnotí-Baú. . . . .	24
- c. mudanças recentes(1977-1979). . . . .	26
- d. nova problemática . . . . .	26
- e. resume. . . . .	29
-11. conclusões . . . . .	30
-12. agradecimentos . . . . .	31

MAPAS: -pp. 25 : mapa localizando as aldeias antigas dos índios  
Mēkrāgnotí (1890 - 1977)

- anexo: mapa da resrva proposta para a reserva Mēkrāgnotí-  
Baú-Candoca.

RELATÓRIO SOBRE 5 ANOS DE ATUAÇÃO  
NO P. I. MĒKRĀGNOTÍ

Conforme as autorizações 16/74, 46/74, 18/76, 19/78 e 36/78, passei aproximadamente 22 meses no P.I. Mēkrāgnotí, fazendo pesquisas antropológicas (i.ê. histórico oral, cultura material, e a importância da imposição do nome no contexto socio-económico).

Este relatório é uma recapitulação de dados, referente à atuação da FUNAI e do SIL neste P.I., que eu pude observar neste período de 1974 - 1979. Trataremos, portanto, de vários assuntos em relação à assistência dada a esses índios (saúde, terra, projetos económicos, etc.) e por isso enviaremos cópias a vários departamentos da FUNAI (Presidência, DGPI., DGPC., e 2da D.R.).

D A D O S   I N T R O D U T Ó R I O S :

P.I. Mēkrāgnotí está localizado no extremo Sul do Estado do Para (8° 42' Sul e 54° 14' Oeste), na beira do Igarapé Galça, afluente do Rio Xixê (que, por sua vez, é um afluente do Rio Iriri, o afluente maior do Rio Xingu).

Mēkrāgnotí é um sub-grupo Kayapo, pertencendo ao tronco linguístico Jê. Esses índios Mēkrāgnotí, como todos os Kayapo, se auto-denominam de mēbengôkre (gente do burraco d'água). A denominação da língua é mēbengôkre mē kabën (a fala dos mēbengôkre).

O nome mēkrāgnotí era o nome da única sociedade dos homens existente neste grupo, no período de aproximadamente 1890 à 1930. Depois, eles se chamaram de mētùktire (gente toda preta) ou mē krùre (gente pequena). Atualmente, eles (no P.I. Mēkrāgnotí) se chamam de mē òtoti (gente com língua grande) ou mē pa'ã kadjàt (gente com braçadeiras de algodão); são os nomes das 2 sociedades dos homens.

Os índios Kayapo do Parque Nacional do Xingu, mais conhecidos como Txukarramãe (nome dado pelos Juruna a todos os Kayapo), e divididos

nas aldeias P.I. Jarina e P.I. Kretire, fazem parte desse grupo Mēkrāgnotí-Mētũktire, assim como os índios do P.I. Bau. De fato, as separações entre os índios do P.I. Mēkrāgnotí e os do Parque Nacional do Xingu data só de 1956. A separação com os índios do P.I. Bau data de 1945 à 1946.

Tendo em vista a minha estadia demasiada curta nessas outras aldeias (1 semana no P.I. Bau, 3 semanas no P.I. Kretire, sendo que nunca visitei o P.I. Jarina), neste relatório, quando falo dos índios Mēkrāgnotí, só tratamos dos índios do P.I. Mēkrāgnotí (a não ser quando especificamente indicado).

### 1. DEMOGRAFIA :

O grupo Mēkrāgnotí era um grupo muito numeroso. Até em 1958, contava com uns 500 índios. Na época 1958 - 1968 houve uma baixa enorme na população: o SPI. fez 2 tentativas de estabelecer um posto para esses índios (nos Rios Iriri e Curuaés), mas por falta de verba, não conseguiram manter esses postos. Isso foi em 1958 e em 1961. Resultado: a morte de muitos índios, e retirada dos sobreviventes Mēkrāgnotí para o antigo habitat (local da aldeia atual).

Em 1964, um grupo separou-se e juntou-se aos Mēkrāgnotí do Parque Nacional do Xingu. Em 1968, segundo um relatório de Antônio Soares Cotrim (SPI.), a população da aldeia era de 136 índios...

Logo em seguida começou a atuação da MICEB, na pessoa do missionário Dale Snyder (1968-1969), do SIL (1971-1977) e da FUNAI (desde 1973). A assistência médica, constante, e a grande isolação deste posto, fizeram com que em dezembro 1974, encontrasse 254 índios nesta aldeia:

homens (+15 anos)	62	rapazes (- 15 anos)	58	(= 120)
mulheres (+15 anos)	<u>69</u>	meninas (- 15 anos)	<u>65</u>	(= 134)
	131		123	(= 254)

Em junho 1979, a população tinha aumentado até 320 índios !!

homens (+ 15 anos)	66	rapazes (- 15 anos)	80	(= 146)
mulheres (+ 15 anos)	<u>74</u>	meninas (- 15 anos)	<u>100</u>	<u>(= 178)</u>
	140		180	(= 320)

Isto significa um crescimento anual de mais ou menos 5 %.

Morreram, nestes 5 anos, 20 pessoas (para mais detalhes, veja o capítulo sobre a saúde):

homens (+ 15 anos)	2	rapazes (- 15 anos)	4	(= 6)
mulheres (+ 15 anos)	<u>6</u>	meninas (- 15 anos)	<u>8</u>	<u>(=14)</u>
	8		12	(=20)

O que ressalta, comparando esses 2 census, é:

- que atualmente tem mais pessoas com menos de 15 anos do que adultos (o que não era o caso em 1974);
- que estão nascendo mais meninas do que meninos: nos últimos 3 anos nasceram 40 crianças do sexo feminino e 26 crianças do sexo masculino.

So sabemos da existência de 1 índios Mékrāgnotí que habite fora de qualquer aldeia Kayapo. Por volta de 1959, os índios entregaram este índio, então criança, e chamado de Ka'entx, aos caboclos do Rio Iriri, que prometeram educa-lo como Brasileiro e, uma vez adulto, manda-lo de volta a aldeia.

Ka'entx vive atualmente em Entre Rios (uma pequena cidade na bifurcação dos Rios Iriri e Curua), fala português fluentemente, se lembra muito pouco da sua língua materna, sabe lidar com motores (ele è motorista de uma canoa com motor de poupa) e continua solteiro. O ano passado, quando Kokorêti (um chefe Mékrāgnotí) viu Ka'entx, e pediu a ele que voltasse, esse não mostrou muita vontade e preferiu continuar vivendo em Entre Rios. Os Mékrāgnotí ficaram bastante tristes com isso, conscientes do grande valor que o rapaz poderia ter para eles no contato, cada vez mais eminente, com a sociedade envolvente. De fato, atualmente, so tem 1 homem que fala um pouco português nesta aldeia.

Daí também o grande interesse deles em ter uma escola na aldeia (veja o capítulo sobre a educação).

## 2. A ALDEIA :

Em 1974 encontrei uma aldeia de forma tradicional, circular, constituída de 2 círculos concêntricos: o círculo interno com 13 casas e o círculo externo com 11 casas. No centro da aldeia situava-se a casa dos homens.

As casas não eram mais da forma tradicional (essas construções ainda são aplicadas quando nas grandes excursões no mato, na época da chuva), mas sim do estilo néo-brasileiro. As casas ficaram bastante apertadas por causa do grande número de crianças: com o aumento de crianças as casas tornaram-se por demais pequenos.

Assim, em 1976, surgiu a idéia de construir uma nova aldeia: um só grande círculo. Eles planejaram este trabalho para maio-setembro 1977. Neste ano, porém, a FUNAI pediu-lhes para limpar o Igarapé Galça, até sua boca com o Rio Xixê. Isto para facilitar o transporte fluvial de Altamira até a aldeia. Este trabalho impediu-lhes de realizar a construção da aldeia.

Em julho 1978, houve um incêndio na aldeia: uma criança brincando com fogo incendiou uma casa. O fogo espalhou-se rapidamente. A maioria da população se encontrava fora da aldeia (numa viagem no mato, caçando ou trabalhando na roça). Assim queimou-se a parte norte da aldeia: 11 casas, a casa dos homens e a sede da FUNAI.

Isso incentivou os índios a reconstruírem a nova aldeia. Trabalharam 2 meses e construíram 22 casas. A casa dos homens (atualmente uma casa provisória) e mais 2 casas serão construídas este ano. A aldeia atual tem um diâmetro de aproximadamente 150 - 200 metros.

## 3. A SEDE DA FUNAI E SEUS FUNCIONARIOS :

### 3. A SEDE DA FUNAI E SEUS FUNCIONÁRIOS :

O pôsto MÊkrãgnotí foi oficialmente criado pela portaria 323/70 da FUNAI.

Antes de 1973 já tinham passado varios funcionários por este posto, mas essas visitas sempre eram de carater temporário ou provisório. No final do ano 1973, chegaram a aldeia os primeiros funcionários da FUNAI. Eram o Sr. Raymundo do Vale Amaral (atendente de enfermagem) e o Sr. Horacilio (chefe de posto). Este ultimo ficava a maior parte do tempo em Altamira ou Belém e por isso só tive oportunidade de ver-lo 3 dias na aldeia.

Sr. Amaral, por outro lado, ficava em média de 3 sobre 4 meses no mato. Ele falava bastante Kayapo, ja que ele tinha trabalhado no P.I. Kubênkrãnkêin anteriormente.

Foi construida então a sede do posto, do lado noroeste da aldeia, fora dos circulos de casas. Essa sede, tambem do estilo néo-brasileiro, era bastante grande ( 12 x 7 metros) e era subdividida em varios comodos. Um desses comodos era a farmácia, na frente da qual, num pequeno patio, se atendia os indios. Esses atendimentos eram geralmente de manha cedo ou a tarde. Casos graves (raríssimos naquela época) eram atendidos a qualquer momento e em qualquer lugar.

Nessa época houve poucos casos de doenças graves, sendo o atendimento quase que exclusivo um atendimento de rotina (feridas, diarreia, resfriados, furúnculos, as vezes malária, etc.).

O Sr. Horacilio saiu oficialmente deste P.I. em fins 1976. Em maio 1976 chegou o novo chefe de posto: Sr. José-Roberto Negri. Alguns meses depois, o Sr. Amaral pediu transferência para outro posto, e assim chegou o Sr. Guilherme, atendente de enfermagem que trabalhava antes no P.I. Kubênkrãnkêin.

Sr. José-Roberto, muito idealista, uma vez confrontado com a reali-

dade indígena, entrou logo em conflito com colegas e superiores. Ele deixou o P.I. ainda em 1976. Os índios gostaram bastante dele porque era quieto, tranquilo. Eles, porém, não perceberam os problemas psicológicas que perturbavam esse funcionário.

Com a saída do Sr. Negri, o Sr. Guilherme ficou sozinho tomando conta do posto. Esse atendente, depois de ter sido expulso do P.I. Kubênkränkêin pelos índios, entrou em conflito com os índios Mékrágnotí (por não atender fora dos 'horários' estabelecidos por ele, e por ter roubado mercadoria que a Delegacia Regional mandava para os índios).

Os índios, então, insistiram que o Sr. Guilherme saísse do posto. Depois de uma conversa dos índios com o Delegado da 2da D.R. (Sr. Amaury Mota), o Sr. Guilherme foi transferido para outro posto e, uns meses depois, foi demitido da FUNAI.

Em maio 1978, encontrei o Sr. Franciné (responsável pelo posto) e a Srta. Ocirema (atendente de enfermagem) na aldeia. Sr. Franciné era um trabalhador da FUNAI em Altamira e, quando Sr. José-Roberto Negri recusou de voltar para o P.I. Mékrágnotí, foi pedido para ele ir lá. Ele aceitou.

Sr. Franciné trabalhou muito na aldeia, melhorando bastante as condições da sede, fazendo roças para o posto, etc. Ele construiu também uma nova sede quando a antiga incendiou. A nova sede era construída perto do Igarapé. É uma casa enorme (14 x 8 metros), também com vários cômodos e uma farmácia bastante grande.

Infelizmente, a escolha do lugar da nova sede não foi muito feliz, já que os índios falaram que "a FUNAI só gosta morrer em cima dos cemitérios". De fato, tanto a sede antiga como a nova sede foram construídas no local onde se encontra os cemitérios antigos (dos anos 1959 - 1970).

A nova sede é de estilo néo-brasileiro, com poucas modificações em



relação à sede anterior (o teto não é mais de palha mas sim de brasilit). Atualmente, a casa já está num estado precário: tem goteiros, o barro usado na construção das paredes está caindo, etc.

Os índios gostaram muito do Sr. Franciné que foi a primeira pessoa da FUNAI que realmente 'trabalhava com as mãos'. O relacionamento índios-Sr. Franciné era muito bom, sendo que o Sr. Franciné sempre brincava com eles. Do outro lado não conseguia bater papos sérios com os índios.

Srta. Ocirema, atendente que trabalhava antes na ajudância de Altamira, foi transferido em abril 1978 para o P.I. M&Krágnotí, na hora da epidemia de gripe (veja o capítulo sobre a saúde). Nos primeiros dias que ela estava lá, morreram 3 crianças, e ela foi culpada de tê-las matado com os remédios. Um índio, pai de uma das 3 crianças, quis matar a Srta. Ocirema, mas isto pôde ser evitado quando o cunhado de índio interveio no último instante.

Depois desse incidente, os índios começaram a gostar muito da Srta. Ocirema, que, sempre bem humorada, atendia os índios qualquer hora do dia (e de noite, quando necessário).

Na colheita das castanhas em 1978-1979, houve atritos entre os índios e o Sr. Franciné (para mais detalhes: veja o capítulo sobre os castanhais). Em consequência disto, ao retorno a aldeia no início de maio 1979, os índios pediram que ele partisse. Sr. Franciné, não falando muito Kayapo, não entendeu muito o porquê da grande agitação que tinha em torno dele: a maioria dos homens da aldeia estava lá, dizendo que "si ele não se mandasse logo, eles iam dar uma lição nele". Pedi então aos índios, já agitados demais, de sair da sede da FUNAI. Fiquei conversando com Sr. Franciné durante bastante tempo, sendo que os índios que entenderam mais português lá ficaram para me orientar na minha conversa. Expliquei para o Sr. Franciné o porquê da agitação e traduzi umas frases que me lembrei.

Sr. Franciné, uns 2 dias depois, foi para Altamira. Depois, em junho 1979, soube que a FUNAI queria manda-lo de volta a aldeia. Conversei então com o Sr. Delegado, que logo entendeu os problemas do Sr. Franciné e não deixou que ele voltasse ao P.I. Mēkrágnotí. Em abril 1979 chegou um outro atendente de enfermagem (Srta. Ocirema estava de férias); Sr. Raymundo Lucivaldo do Vale. Foi a pessoa da FUNAI que me impressionou com seu ótimo relacionamento com os índios. Eles adoraram ele desde o primeiro dia. Ele conversa muito com eles (com ajuda do índio Pukatíre, o único que fala português nesta comunidade), e trata eles com maior prazer, cuidado e carinho em qualquer momento do dia. Ele respeita, também, as cernças dos índios e, conseqüentemente, os trabalhos dos xamãs.

Sr. Raymundo nunca teve falta de comida (carne, batata doce, frutas, etc.). A casa da FUNAI tinha sempre carne em abundância, coisa que eu nunca tinha visto antes. Nunca vi, também, essa unanimidade: todos os índios estavam de acordo que finalmente acharam a pessoa que tinha que ficar com eles. Sr. Raymundo tinha que ficar, segundo eles, e trazer a esposa dele (que é professora - veja o capítulo sobre a educação).

De fato, acho que num momento como esse, onde há muitos problemas internos na aldeia (veja o capítulo sobre a terra), só uma pessoa como o Sr. Raymundo Lucivaldo do Vale, deve e pode atuar neste P.I.

Um caso um pouco à part seria o do Sr. Joao Ubaldo Matias. Ele é um motorista fluvial, contratado em 1975 pela FUNAI. Já na época quando o sertanista Fransisco Meireles, em 1958, efetuava as expedições de pacificação na região do Rio Iriri, o Sr. Joao participou da mesma. O Sr. Joao conhece muito bem toda a área dos Rios Iriri e Curua. Ele ficou varios meses no P.I. Mēkrágnotí (em 1975-1976) com a família dele: esposa e 5 filhas. Depois ele foi transferido para o P.I. Bau

e atualmente esta trabalhando no Posto Candoca. Este posto da FUNAI, criado em 1978, esta situado ao lado de um dos maiores castanhais dos indios Mēkrāgnotí (veja o mapa).

Existe, como è obvio neste relato, uma certa problematica em torno dos funcionários da FUNAI neste posto (e não só neste, mas na maioria dos postos). A primeira coisa que se nota aqui è a frequente mudança de funcionários neste posto. Conversando com eles, e observando as condições em quais eles as vezes trabalham, acho que não è basicamente a 'isolação' que lhes perturba, mas sim a falta de assistência. Tenho que dizer que o ultimo ano, a assistência dada pela Delegacia via a Ajudância de Altamira para o P.I. Mēkrāgnotí melhorou muito. Mas fiquei conversando muito com o Sr. Raymundo Lucivaldo do Vale sobre esse aspecto, e acho que si ele ficar lá (e è uma grande esperança minha para não só manter a boa saude dos Mēkrāgnotí, como também para melhorar a infraestrutura da sede que ele continuasse no P.I. Mēkrāgnotí !!!), com a esposa dele, a FUNAI deveria dar todo apóio a ele. Ele tinha ideias como mudar o local da sede (não mais em cima de um cemitério e num local onde tem menos piuns - de fato, varios indios não querem tomar soro na casa da FUNAI por causa da abundância de piuns, ja que è localizado na beira do Igarapé), construir uma sede com paredes de madeira e com telas contra os mosquitos. Ele notava a falta de interesse de outros funcionários em melhorar as condições do trabalho na colheta de castanha e na venda do artesanato.

#### 4. RELACIONAMENTO ECONÔMICO DOS INDIOS COM A FUNAI :

Existem 3 maneiras pela qual os indios Mēkrāgnotí podem obter mercadoria da nossa sociedade (como espingardas, munição, linhas de pesca anzois, lanternas, pilhas, roupas, sabão, sabonete, redes, mosquitei-

ros, facas, machados, machetes, etc). Tratarei aqui dessas 3 possibilidades:

a. assistência da FUNAI;

A FUNAI (i.è. a 2da D.R.) manda regularmente material para sustentar o posto e para preencher as necessidades dos indios. Geralmente são coisas basicas como munição, instrumentos agricolas, sabão, etc. São dados para os indios. Em troca disto, eles fornecem o posto com carne e produtos das roças. Essa troca se faz livremente. Nunca se trata de grande quantias de material - e geralmente (dependendo, porém, do responsável do posto no momento) è dado para os 2 chafes da aldeia, para eles fazerem a distribuição.

O ano passado, quando incendiou-se a aldeia, e varias familias que estavam no mato perderem tudo que tinham deixado na aldeia, a FUNAI mandou um vôo especial com uma grande carga de mercadoria especialmente para essas familias.

b. artesanato e couros:

Em 1974 - 1975, quando no inicio da minha estadia neste P.I., observei varias vezes que os indios mandavam grandes quantias de artesanato e couros para Belém. Em troca eles pediam, individualmente, coisas que necessitavam. O pagamento, porém, as vezes demorava muito. Nos anos seguintes, alguns funcionários, levando artesanato que nunca foi pago depois, contribuíram com que varios indios perdessem a confiança nesta troca.

Já que nos ultimos 2 anos os Mêkrãnotí estão indo cada vez mais frequentemente as cidades come Itaituba, Altamira e Belém(para tratamento médico, cursos, visitas e compras), eles preferem que o indio-viagante leve o artesanato, faça ele mesmo a troca e traga o pagamento na volta. Isso tudo resulta numa baixa bastante importante no envio de artesanato via artindia.

Essa confiança só pode ser readquirida se o responsável do posto se interesse mais neste problema, fazendo levantamentos certos e pagando todos cada vez que ele volta a aldeia.

Outro fator a ser considerado em relação a esta troca é que artíndia só parece interessar-se nos seguintes objetos: cocares pequenos (mé okó), médios (okyará) e grandes (krokrokoti), cestas (kax), lanças (noy e rob'i), bordunas (kop e kô), arcos (djudjê), flechas (krua), colares de dentes (angro-djua, kukoi-djua, rob-djua), colares de concha (ngop-õnkredjê), flautas (po e po-ti) e couros de animais (si bem que esse último está se vendendo de menos em menos).

Em outros cocares finos (oko-pári), colares de penas (õnkreta), braçadeiras (pa-kam modnyamú e worekóh), machado de pedra cerimonial (ukáx), pentes (pín-djua), esteiras (kupip) e bolsas (mru-kó) a FUNAI (i.è. artíndia) parece não ter interesse. Pelo menos é isso que o índio Mëkrãgnotí pensa.

O fato de nunca ter tido um funcionário da FUNAI que se interessasse num aperfeiçoamento deste sistema de troca e o fato deles nunca levarem estes outros artefatos até Belém para ver o interesse da artíndia, justifica a opinião dos índios e a ignorância da artíndia. Não há, do outro lado, equilíbrio nos preços dos objetos. Uns anos atrás, por exemplo, um índio sabia que com o artefato tal, podia-se comprar mercadoria X. Agora, eles dizem, como é um fato, que os preços das mercadorias das cidades aumentaram muito, mas o artesão-to "não subiu muito". Se por exemplo em 1976 uma lança (noy) valia 80 Cr., agora só se paga 100 à 120 Cr., o que é desproporcional à inflação dos preços na cidade.

A maioria dos funcionários que vem na aldeia nem tem a mínima idéia do valor de uma peça de artesanato. Acho que a FUNAI (lê artíndia) deveria então:

1. estimular os funcionários, para que se interessassem mais no artesanato indígena;
2. mandar para os postos listas dos valores aproximativos dos artefatos;
3. re-estabelecer os preços.

#### c.5. A COLHEITA DE CASTANHA:

Este è de fato o unico projeto econômico sendo posto em pratica em todos os grupos Kayapo do Estado do Pará.

Eu nunca fui com os Mēkrāgnotí numa colheita de castanha. Os dados aqui mencionados são, portanto, as reações dos proprios indios em relação a esta problemática.

Quando cheguei no P.I. Mēkrāgnotí em dezembro 1974, a maioria dos homens estava na área do P.I. Bau colhendo castanhas. Voltaram em fins de janeiro 1975, dizendo que não colheram quase nada porque ficaram esperando 1 mes a lancha da FUNAI (que vem de Altamira), e que ía trazer mercadorias como munição, material de pesca, farinha, etc., material necessario para a estadia de tantos homens fora da aldeia. A lancha chegou fim fevereiro, e os homens voltaram para o P.I. Bau (150 kms. em linha rēta de P.I. Mēkrāgnotí, o que representa uma viagem duns 5 à 7 dias). De fato, o unico castanhal sendo explorado por esses indios, naquela época, era na regio da confluência do Rio Curuá e do Rio Bau.

Cada castanhal tem o seu 'dono', e è assim que varios castanhais pertencem ao grupo do P.I. Bau, e outros pertencem ao grupo do P.I. Mēkrāgnotí. Em 1976houve uns problemas com isso: os indios do P.I. Bau ja começaram a colheita em novembro 1976. Em dezembro, quando já tinham feito a colheita de todos os seus castanhais, começaram a trabalhar nos castanhais pertencentes ao P.I. Mēkrāgnotí. Esses

ultimos só chegaram lá em janeiro 1977, já que só naquele momento houve a confirmação da FUNAI de que teriam a assistência necessária para a estadia fora da aldeia.

Os Mēkrāgnotí, sabendo da atuação do grupo do P.I. Bau, ficaram em dúvida se iam ou não. Kokorêti (chefe Mēkrāgnotí que antes de 1960 pertencia ao grupo P.I. Bau) decidiu ir assim mesmo, mas só alguns homens o acompanharam. Sempre houve problemas nesse sentido entre P.I. Bau e P.I. Mēkrāgnotí.

Em 1977 então, a FUNAI perguntou se eles não queriam ir tirar castanha no Igarapé da Candoca - antigo castanhal Mēkrāgnotí (na época 1958-1959). A idéia foi bem aceita, e assim, fim 1977, quase todos os homens foram tirar castanha no Igarapé da Candoca.

Nesta ultima safra (1978-1979), porém, os Mēkrāgnotí se dividiram em 3 grupos:

- A. uns 10 homens (com mulheres e crianças), sob liderança de Kokorêti, foram para o P.I. Bau;
- B. uns 30 homens foram para o Igarapé da Candoca, e;
- C. uns 15 homens (sendo os mais velhos da aldeia) ficaram tirando castanha no Igarapé Galça.

O primeiro grupo, que foi para o Rio Bau, só conseguiu colher uma pequena quantia de castanhas, porque houve uma epidemia (de gripe ?) naquela região.

O segundo grupo, o maior grupo, chegou inicio de janeiro 1977 no Igarapé da Candoca. A lancha, vindo de Altamira, trazendo a mercadoria (do qual o mais importante era farinha e munição) chegou com um atraso de aproximadamente 1 mes.

Sr. Franciné, responsavel do P.I. Mekragnoti naquela época (veja o capítulo sobre a sede da FUNAI e seus funcionários, pp. 5-9), vinha naquela lancha, e houve atritos entre ele e os indios (sendo que ele recusou a dar-lhes arroz ou farinha de uma maneira muito radical). Os indios, zangados, voltaram mais cedo do que previsto: estavam com

fome. E por causa desses problemas que mais tarde, em maio 1979, os índios expulsaram Sr. Franciné da aldeia.

O terceiro grupo ficou tirando castanha ao longo de meio-Igarapé Galça. Já de volta na aldeia, a FUNAI pediu-lhes, na pessoa do Sr. Franciné (ainda no Posto Candoca), de voltar ao castanhal e transportar as castanhas de canoa até a confluência desse Igarapé com o Rio Xixê, e aí esperar a vinda do reboque que levaria as castanhas até Altamira via Posto Candoca.

Os índios assim fizeram, e esperaram 10 dias a chegada do reboque. Como esse não chegou, eles voltaram, decepcionados, para a aldeia. Essas castanhas nunca foram retiradas de lá. Isto fez com que os índios ficaram zangados por terem trabalhados 'para nada'. A FUNAI decidiu pagar-lhes pelas castanhas de todas formas, já que foi por negligência dela (ou de uns funcionários dela) que as castanhas não foram retiradas.

Agora, os índios dizem que não vão mais nos castanhais se a assistência não melhorar. De fato, a assistência sempre foi um pouco ineficiente: nestes últimos 5 anos, sempre houve problemas de má-coordenação.

Um fator muito importante nisto è, de novo, a falta de interesse dos funcionários nas aldeias e, talvez, a má-coordenação deles com a ajudância. Sr. Joao Ubaldo Matias me disse varias vezes que, com a assistência dada no momento certo (e não fora de hora) os Mékrágnotí poderiam tirar pelo menos 2 ou 3 vezes mais do que estão tirando agora. Os índios sabem disso, e por isso sempre reclamam da assistência.

Essas épocas sempre são, para os Mékrágnotí, as épocas mais tensas do ano.

E também nesse época das castanhas, que os Mekragnoti mantem contato com a população regional. Assim por exemplo eles entregaram varias caixas de castanha ao Sr. Tiago (que habita uma maloca uns 30 kms.



rio-abaixo do Posto Candoca, e que trabalha, na época da safra, pertinho deste posto). Ele paga mais ou menos 1/3 do que a FUNAI paga pelas castanhas. Os índios, na última safra, perceberam isso e ficaram zangados com ele, mandando ele embora.

#### 5. CAJURU OU CAJULU :

Em dezembro 1978, 3 índios Mēkrāgnōtí (Pukatíre -homem de 35 anos-, Bebkhum -homem de 27 anos- e Kukrānh -mulher de 45 anos) foram para o P.I. Gorotire para assistir um curso da L.B.A. Isso a fim de implantar o sistema do 'cajuru' nas aldeias Kayapo.

Eu não entendo bem (talvez por falta de dados) o objetivo desse cajuru. Limito-me então a dar dados sobre o funcionamento e a problemática, que eu pude observar em maio-junho 1979.

O cajuru funciona da seguinte forma: cada um dos 3 monitores indígenas (que recebem, por semestre, um dado pagamento) tem o seu grupo de crianças (de 2 à 7 anos). De manhã e a tarde, eles juntam o seu grupo, 'anotam' quem está presente e quem não é (só que a monitrice não sabe ler ou escrever), e aí se faz brincadeiras com as crianças (como danças, desenhos, cabtos, etc.). A L.B.A. forneceu todo o material escolar para isto.

Enquanto isso, tem 2 maninas (de uns 15 anos) que cozinham mingau ou arroz e feijão (comida mandado pela L.B.A.): Assim, depois das brincadeiras, as crianças tem uma refeição.

Geralmente, se for de manhã, todas essas crianças passam na sede da FUNAI, onde o Sr. Raymundo Lucivaldo do Vale aproveita para dar, quando necessário, vitaminas para elas.

Fim abril, porém, já notei que a maioria das crianças só vinha na hora da comida e pelo resto do tempo continuaram brincar como de costume (o que é natural).

Em maio 1979 houve pedido dos monitores para os pais das crianças

trazerem carne ao cajuru já que as crianças "não gostaram do arroz e feijão sem carne". A reação dos pais foi negativo: eles podem comer arroz e feijão no cajuru, e carne com berarubu em casa. Assim que começaram alguns problemas entre a maioria dos homens (que, como eu, não entenderam o objetivo do cajuru) e os monitores (que começaram a deixar de caçar, para trabalhar no cajuru, e com o dinheiro que eles ganharam, empregaram alguns rapazes para caçarem para eles).

Resultou que em junho 1979, o cajuru funcionava so umas 2 vezes por semana (em vezes de 5, como planejado), sendo que os monitores insistiram em continuar (para ganhar seus 'salarios').

As conversas sobre o cajuru na casa dos homens, naquela época, eram muito frequentes. Os monitores dizendo que em todas as outras aldeias isso funciona muito bem, e perguntando porque que os homens Mēkrāgnotí não queriam dar o apoio necessário. A reação, quase unânima dos homens, era que è bem possivel que nas outras aldeias isso funciona bem, mas que "os Gorotire são diferentes do que eles: os Gorotire conhecem a vida do Brasileiro e os Mēkrāgnotí não. Talvez dentro de alguns anos, quando eles conhecam melhor a vida do Brasileiro, eles vão ajudar tambem".

O grau e tipo de contato dos indios com a sociedade envolvente è diferente para cada grupo e, como sabemos, diferente. E até os proprios indios sabem disso. Por isso è necessario, quando se quer iniciar um projeto numa aldeia, pesquisar as possibilidades (e as necessidades). E não querer implantar um projeto que dê resultado numa determinada comunidade, em todas as comunidades 'do mesmo grupo tribal'...

Por isso, e conforme a reação dos proprios indios, acho que deveria-se estudar mais esse projeto cajuru conforme as necessidades, avaliando vantagens e desvantagens.

## 6. A SAÚDE :

È necessário dividir este capítulo em 2 partes: o período 1974- 1977 e o período 1978-1979.

Antes de 1978, quer dizer no período 1974-1977, e isso por causa do isolamento dessa aldeia, havia poucos índios com doenças graves.

O atendimento de enfermagem limitava-se quase que só ao atendimento de rotina numa comunidade indígena. Quer dizer as diarreias, os febridos, os resfriados, os furúnculos, as malarias, etc.

No período 1974-1977, passei uns 15 meses naquela comunidade e pude presenciar um só caso em que foi necessário levar num avião da FUNAI uma índia doente para o hospital de Altamira. Isso foi em maio 1975, e não sei bem de que doença se tratava.

Nesse período, morreram as seguintes pessoas:

- um menino de picada de escorpião (maio 1975);
- uma mulher no parto (a criança morreu também)(fim de 1975);
- um rapaz de malária com complicações (abril 1976);
- uma menina de desidratação (?) - foi recusado o tratamento pelo xamã (junho 1976);
- uma menina (de um par de gêmeos) que a mãe deixou morrer (julho 1976);
- uma menina (a outra do par de gêmeos)de gripe - foi recusado o tratamento pelo xamã (julho 1976).

A farmácia era bem pequena, tendo quase que só remédios para coisas de rotina mesmo. Que eu saiba, a E.V.S. passou 1 ou 2 vezes na aldeia, nessa época (eu não vi pessoalmente). Me disseram que eram visitas 'de rotina'.

Em fevereiro 1978, morreu uma criança afogada.

A grande mudança ocorreu em abril de 1978. Por volta de 12 de abril 1978, começou uma gripe na aldeia. Com a pequena farmácia, não houve meio de tratar de toda aldeia. O rádio não funcionava (esse rádio

ou o motor do radio, fica uns 3 ou 4 meses (por ano sem funcionar), e o funcionário da FUNAI, neste caso o Sr. Franciné, mandou 2 adolescentes à pé para o P.I. Bau (uns 150 kms. em linha rêta do P.I. Mĕkrāgnotí) com uma mensagem. A viagem dos 2 rapazes levou uns 6 dias. Nesses dias, morreram 3 indios na aldeia da gripe. Uma vez os rapazes no P.I. Bau, e o radio mandado para Belém, a FUNAI mandou a E.V.S. e a enfermeira Srta. Ocirema. Varios indios foram levados para os hospitais de Altamira ou Itaituba. Assim que a situação melhorou, a E.V.S. foi chamado para outras comunidades. Esse episodio me è pouco conhecido, e è possivel que haja erros na sequênciã. Mas me foi dito que depois morreram mais 3 crianças da gripe, e naquele momento nasceu uma criança morta (que foi considerado um caso de aborto).

A E.V.S. voltou, e fez os tratamentos. Ninguém mais morreu da gripe. Esse episodio è muito importante, ja que achei extraordinária a assistência médica dada aos Mĕkrāgnotí nesta ocasião. Foi uma ação sem precedente!!!

Depois, os indios foram pouco a pouco voltando das cidades (se não me engano, havia uns 10 à 12 indios hospitalizados).

Da gripe, então, morreram 6 pessoas ( 3 mulheres, 1 menina e 2 meninos). Depois da gripe, morreram ainda as seguintes pessoas:

- um homem por picada de cobra (julho 1978);
- uma criança por infecção intestinal (julho 1978);
- uma mulher velha de desnutrição (ela não aceitava mais comida ou remedios) (agôsto 1978);
- um rapaz de infecção intestinal (dezembro 1978);
- uma menina - razao desconhecida (fevreiro 1979);
- uma mulher de eclâmpsia, 4 dias depois do parto (abril 1979).

Houve um grande numero de vôos para levar os indios doentes às cidades para serem hospitalizados, ou para trazer-los de volta.

A E.V.S., fora das 2 vezes que passou durante a epidemia de gripe, passou ainda em dezembro 1978, quando houve uma epidemia de diarreia entre as crianças.

Um fato è ( e por isso que sugeri fazer a divisão 1974-1977 e 1978-1979): depois da epidemia de gripe do ano passado, o indice de doenças graves esta bem mais alto do que antes. Talvez que seja uma consequência da ida de varios indios para as cidades, trazendo, quando voltam, vírus antes desconhecidos na comunidade...

Outro fato, muito positivo, è que agora a 2da D.R. manda muito mais remedios para este posto - para evitar que uma epidemia desse tipo se repita.

De fato, por exemplo em maio 1979, houve um surto de gripe na aldeia. De novo, o radio não funcionava. O surto foi bastante forte. Todos os indios (bem como eu e o atendente da FUNAI) estavam com medo, pensando que a historia de 1978 ía se repetir. Mas o Sr. Raymundo Lucivaldo do Vale, exelente enfermeiro, em poucos dias, com os remedios presentes, pôde controlar a situação: ninguém morreu.

Apesar da farmácia no posto estar, agora, bastante completa, necessita-se de uma enfermaria instalada. Essa enfermaria deveria ter uma cama adequada, pavimento de cimento, telos de mosquiteiro, etc. E de preferência não ficar do lado do Igarapé (por causa dos mosquitos, como já explicado).

Enquanto às vacinações dos indios, tenho muito pouco dados. Me lembro que já em 1976, o Sr. Guilherme (então atendente de enfermagem) me falou que ele estava preocupado com o grande numero de crianças não vacinadas. Que eu soube, foi dado vacinações uma vez desde então. (e isso foi em outubro 1978). E as fichas, nas quais estavam marcadas as vacinações individuais, queimaram-se no incêndio de julho 1978 (não sei se a 2da D.R. ou a ajudância de Altamira tem copias

dessas fichas).

Há 3 casos de TBC que estão sendo tratados. E mais 2 ou 3 (Xika, mulher de 22 anos, Udjê, mulher de 45 anos, e Beb-tê, rapaz de 4 anos) casos suspeitos.

Um dos problemas neste P.I., como já citado, è que durante alguns meses do ano, este P.I. fica sem radio, i.è. sem nenhum contato ou nenhuma maneira de comunicação com a FUNAI. As vezes ou radio esta com defeito, as vezes o motor esta em pane, ou as vezes não tem gasolina. Isso, numa aldeia tao isolada como o P.I. Měkrăgnotí, não deveria acontecer nunca.

Quando o P.I. fica sem radio, deveria-se mandar dentro de alguns dias um outro (em vez de deixar para 'quando o avião passar lá a proxima vez', levando então o radio, e só depois de mais do que um mes que se traz um radio concertado...), e isso para evitar que epidemias como a de 1968 e 1978 se repita !!!

## 7. EDUCAÇÃO :

No P.I. Měkrăgnotí, por enquanto, não tem escola. Os indios, depois da saida das missionárias do S.I.L., insistem cada vez mais em ter escola. Eles querem apreender a ler e escrever. Por isso tambem, espero que o Sr. Raymundo Lucivalde do Vale possa ficar atuando junto à essa comunidade, e que a esposa dele (ela è professora) possa iniciar um trabalho nesse sentido.

Espero, tambem, que seja respeitado o que os proprios indios propoem como sistema escolar. Ayô por exemplo, que aprendeu a ler e escrever com as missionarias, esta atualmente dando aulas para uns 6 homens, na minha casa. Ele que sentiu a necessidade de começar a dar aulas para o povo dele. E começou com os adultos !!!

## 8. AGRICULTURA :

Os Mēkrāgnotí fazem, evidentemente (com a população sempre crescendo), cada ano roças maiores. Os produtos são principalmente: batata doce, mandioca, milho, bananas, algodão, mamaw, abobora, tabacco, e inhame.

Uns anos atrás (1973-1974), os índios plantaram arroz, numa grande roça do Bebgogoti (velho chefe da aldeia). O consume era para toda a comunidade. Depois nunca mais plantaram isso, se bem que eles gostam comer arroz e feijão cada vez mais.

Eu notei o grande interesse deles em plantar arroz e feijão, uns meses atrás quando vieram me pedir arroz e feijão para plantar ! O ano passado, em setembro, joguei uns feijões fora, atrás da casa. Em alguns meses deu uma planta, da qual eles tiraram os feijões. Assim, algumas pessoas gostaram da idéia de plantar o seu proprio arroz e feijão.

Coisas como estas, mostram o grande interesse deles em plantar coisas novas ( não esquecendo que por exemplo no Parque Nacional do Xingu, junto com os Kayabi, são os Txukarramãe que plantam mais). Um pouco de estímulo, de interesse dos funcionários, nesse sentido, daria ótimos resultados. Poderiam plantar arroz, feijão, laranja, limão e tantas outras frutas...

## 9. SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS (SIL) ou INSTITUTO LINGUISTICO DO VERÃO :

O S.I.L. começou a atuar no P.I. Mēkrāgnotí em 1971, com as missionárias Ruth Thompson e Mickey Stout (ambas já tinham trabalhadas durante anos junto aos Txukarramãe do Parque Nacional do Xingu). Em 1973, Mickey Stout foi transferida para os P.I. Kubēkrākêin e/ou P.I. Gorotire. No lugar dela chegou entao Kathy Jefferson.

Antes de 1973, ano da entrada da FUNAI nesta comunidade indígena, as 2 missionárias deram assistência médica. Continuaram isso em 1974-1975, nos períodos em que os funcionários da FUNAI estavam fora da aldeia ( atualmente, nota-se a presença constante de pelo menos 1 funcionário da FUNAI nessa comunidade).

Sendo as missionárias do S.I.L. linguístas, as 2 ficaram estudando profundamente a língua Kayapo (que elas falam fluentemente).

Deram aulas, a noite (das 19 hs. às 20 hs. 30) para uma dúzia de homens: ensinaram a ler e escrever na língua Kayapo.

Em 1976-1977, notei o começo da evangelização: nessa época já tinha-se traduzido varios textos da bíblia, que formavam, então, a 'litteratura' desses indios. Cada domingo de manhã celebravam uma missa ou melhor um culto, na casa do Bebgogoti (velho chefe indígena). Esse, então, sem interesse, ficava deitado na rede dele, ou vinha até minha casa para bater papos.

Esses cultos, de mais ou menos 1 hora de duração, eram assistidos por uns 10 à 20 homens, e o mesmo número de mulheres. Os 3 indios que sabiam ler melhor, liam trechos da bíblia, enquanto os outros homens presentes, com os livros nas mãos, seguiram os textos. Depois cantava-se.

Nesses momentos, a maioria dos homens estava vestido de camisa, calção ou calça comprida, sapatos, meios, oculos escuros e, as vezes, chapéus. As mulheres sempre juntaram o reste para cantar: gostaram muito de cantar essas músicas novas.

O Sr. José-Roberto Negri (então chefe de posto) reagiu contra o culto. As missionarias falaram que há anos, desde a época do Sr. Snyder (1968-1969), missionário da Miceb, que se fazia isso, e que os proprios indios pediram isso. Não duvido que Ayô, Bebkhum e Pukatire, os 3 indios mais avançados em ler e escrever (são tambem esses 3 que eram os informantes das missionárias, e que foram varias vezes com



elas nas cidades), pediram isso.

Sr. Negri pediu então que pelo menos não fosse feito dentro da casa do velho chefe. Aí mudaram para dentro da casa das missionárias, e depois ainda para a casa de Ayô.

Em 1976 - 1977, esses mesmos 3 homens-informantes, dentro de um esquema de educação da FUNAI/SIL, começaram a escrever historinhas de 2 à 10 paginas, e mimeografar essas (com aparelhos do SIL., que ficaram à disposição dos índios) para distribuir na aldeia. Foram feitos, assim, uns 10 livrinhos ou caderninhos.

Quando as missionarias estavam de férias, porém, parava-se tudo: aí não tinha mais culto, parava-se de escrever caderninhos e só continuaram a ler e escrever aqueles que trabalhavam comigo.

Fim 1977, a FUNAI não prorrogou mais a autorização do SIL. Assim, o ano passado, Ruth Thompson alugou uma casa perto da casa do índio em Belém. De lá, ela visitava diariamente os Mëkrägnotí que estavam em Belém. Lhes falava sempre da bíblia, da sua vontade de voltar um dia na aldeia, e "como os índios iam conseguir missangas agora que elas não estavam mais lá"(esses índios ainda são muito sensíveis para missangas, e as missionárias sempre, dizemos, foram 'generoso' demais com este produto, caríssimo no Brasil).

Em abril 1977, os índios me falaram que estavam 'com saudades' das missionárias. Quando perguntei o porquê, me falaram:

- porque elas dão aulas para os índios apreender a ler e escrever;
- porque traziam muitas missangas, e;
- porque elas tinham um radio que nunca estava fora de funcionamento (me falaram isso 2 dias depois da morte de uma mulher - o radio da FUNAI estava em pane técnico, e assim não se podia chamar o avião da FUNAI...).

São 3 coisas nas quais os índios Mëkrägnotí são muito sensíveis: educação, socorro por avião e mercadoria (especialmente missangas).

## 10. A SITUAÇÃO DA TERRA DOS INDIOS MÉKRÄGNOTÍ: UMA RESERVA ADEQUADA.

Neste relatório, não acho necessário de repetir tudo que eu já escrevi sobre a problemática da terra Mékrägnotí, nos meus relatórios de abril 1977 e outubro 1978. Limitarei-me aqui à um resumo desses dados, bem como a colocação de dados novos, muito importantes, e que eu acho que devem ser considerados antes que qualquer decisão em relação com a reserva Mékrägnotí-Bau seja tomada !!!

### a. ocupação da área pelo grupo indígena:

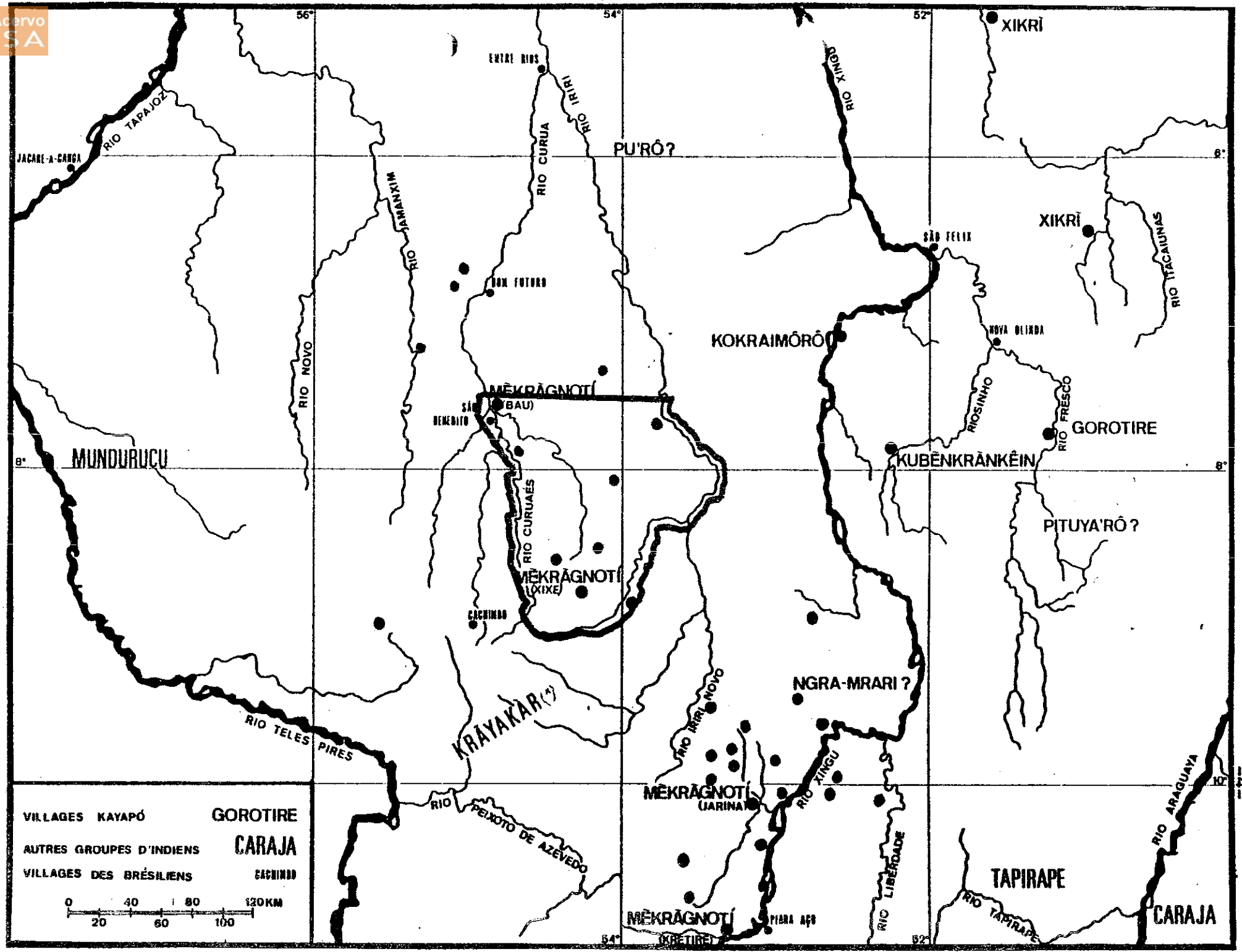
Os Mékrägnotí se separaram, por volta de 1890 - 1900, do grande grupo Gorotire ( os 'Kayapo do Rio Xingu', morrando naquela época na região do Alto Riozinho). Os Mékrägnotí se deslocaram para um campo um pouco ao norte do baixo Rio Jarina: campo que eles até hoje consideram "o grande campo" deles, lá onde tem a aldeia dos espíritos dos mortos (i.è. a razão pela qual os grupos Txukarramãe -os grupos Mékrägnotí morrando dentro do Parque Nacional do Xingu- querem e lutam para que esse campo seja dentro da terra a ser demarcado para eles, os Txukarramãe).

Por volta de 1910 - 1915, os Mékrägnotí fizeram a primeira aldeia na região dos Rios Iriri-Curua: a aldeia era chamado 'krôdjamre'. A partir dessa época, eles ficaram vivendo nessas duas regiões: indo do campo do Rio Jarina para o mato dos Rios Iriri-Curua, e vice-versa. (veja mapa 1: as aldeias antigas dos Mékrägnotí).

### b. propostas já existentes para a reserva Mékrägnotí-Bau:

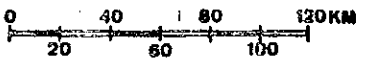
A primeira proposta, feito em 1976 pelo D.G.P.I., cumpria uma área de aproximadamente 210.000 ha. Nessa área, onde não constava nenhum coque ou castanhal, deixou varias áreas de perambulação constante desses índios fora dos limites.

Fiz, então, uma outra proposta ; a segunda proposta para uma reserva



VILLAGES KAYAPÓ  
 AUTRES GROUPES D'INDIENS  
 VILLAGES DES BRÉSILIENS

**GOROTIRE**  
**CARAJA**  
 CACHIMBO



Mékrãgnotí, na qual eu queria ligar a reserva do P.I. Bau com a reserva do P.I. Mékrãgnotí, incluindo assim, a maioria dos castanhais e cocais, e os 2 caminhos que os Mékrãgnotí usam para ir visitar parentes no P.I. Bau. Essa área era de aproximadamente 610.000 ha. O ano passado, porém, fiz uma outra proposta, depois de ter conversado longamente com os índios sobre os locais de caça, pesca, safra de castanha, cocais, etc. Cheguei à conclusão que é inevitável de incluir os 2 castanhais deles (i.è. do P.I. e Rio Bau, e do Igarapé da Candoca)- veja meu relatório de outubro 1978.- numa só reserva. O chefe da ajudância de Altamira (Sr. Salomão Santos) me falou que ele gostou muito dessa proposta, sendo, como eu já tinha suspeito, bem possível que o pequeno grupo Pu'rô (aldeia Mékrãgnotí ainda isolada) perambula nessa região (os índios do P.I. Bau avistaram varias indicações nessa direção). Essa area, de aproximadamente 1.300.000 ha., embora aparecer muito grande, è a área atual de perambulação dos índios Mékrãgnotí !!!

c. mudanças recentes (1977 - 1979):

As primeiras mudanças foram descritos no meu relatório de outubro 1978, sendo:

- o novo castanhal (desde 1977) no Igarapé da Candoca, e a construção, pela FUNAI, do novo Posto Candoca (na boca do Igarapé da Candoca, na beira do Rio Iriri);
- a construção de canoas, e a conseqüente ida dos Mékrãgnotí em áreas mais afastadas dos P.I. Mékrãgnotí (até no Rio Iriri, e as viagens no Rio Curuaés são mais frequentes).

d. nova problemática :

Existem, atualmente, 3 problemas que devem ser considerados antes de ser demarcado, definitivamente, a reserva Mékrãgnotí-Bau:

- (1) a fazenda no Rio Iriri : Essa fazenda, que iniciou (aparentemen-

te) em 1976 ou 1977, é localizada na boca do Rio Xinxim com o Rio Iriri, em cima da terra ancestral dos índios Kokraxmôrô (que foram transferidos de lá, em 1958, pelo S.P.I., para o Rio Xingu). O local é chamado de kên-djãm (o lugar da pedra - por causa de uma serra, em forma de uma pedra enorme, nesse local).

Os homens Mēkrāgnotí, já 3 vezes, no espaço de um ano (setembro 1978 - junho 1979), queriam ir lá para "pegar tudo da fazenda e expulsar eles". A história recente de vários grupos Kayapo nos ensina que os Kayapo dificilmente aceitam 'vizinhos próximos à área de perambulação deles'. Veja por isso o caso:

- dos Txukarramãe: que aceitaram durante anos a agropecuária Agropexim, na Cachoeira Von Martius, e recentemente se revoltaram e expulsaram essa;
- dos Gorotire: grupo Kayapo 'mais aculturado', que varias vezes brigaram com garimpeiros e fazendeiros do Alto Rio Fresco (1973-1976);
- dos Mēkrāgnotí do P.I. Bau: que o ano passado expulsaram a Companhia Mineiradora Sao Benedito (atuando à 10 kms. da aldeia deles). Esses índios sempre gostaram desse Companhia que deu assistência (em forma de remédios e mercadoria) para eles - até que o ano passado os índios se revoltaram contra eles;
- dos Xikrin do Catete: que reagem contra a invasão de uma fazenda e uma serraria na area Sul da reserva deles.

Si bem que a fazenda esta localizada do lado Este do Rio Iriri (que deveria ser considerado terra não ocupada pelos índios), o fato deles pescaram no Rio Iriri e deles ficarem na beira do Rio (onde os índios passam varias vezes por ano), já é motivo para os índios que-rem expulsar essa fazenda. Não o fizeram até agora por causa da reação dos funcionários da FUNAI e de mim, insistindo em achar uma resolução mais 'pacífica' para o problema. Pode-se esperar, porém, a

qualquer momento, uma reação dos índios, na qual será expulso essa fazenda...

(2) invasão do lado do Rio Curuaés ?: em janeiro 1979, quando uns 10 homens Mēkrāgnotí, junto com mulheres e crianças, foram do P.I. Mēkrāgnotí ao P.I. Bau para a safra da castanha, chegando na beira do Rio Curuaés, escutaram, de perto, motores ("parece tratores"), arvores caindo e geradores. Alguns homens queriam ir lá, e 'ver' o que era isso. Kokorêti, chefe Mēkrāgnotí, e presente nesse grupo, insistiu para não ir lá naquele momento: ele queria ir no castanhal primeiro. Ele também não queria brigar enquanto mulheres e crianças esperando eles lá.

Fim janeiro 1979, na aldeia P.I. Mēkrāgnoti, os índios e o atendente de enfermagem da FUNAI (Sr. Antônio), bem como eu, cada noite quando não chovendo, a gente escutava motores (geradores ?) na mesma direção que, meses depois, um homem do grupo de Kokorêti nos falou ter ouvido no Curuaés os motores de perto.

E em junho 1979 as vezes deu para ouvir de dia !

Aí também, os índios ficaram pré-ocupados: fala-se de uma estrada ou de uma nova fazenda. Vários homens, como no caso da fazenda do Rio Iriri, queriam ir lá e expulsar.

Até hoje não sei quem está trabalhando lá. Acho bom que a FUNAI fizesse um sobrevôo naquela região a fim de localizar os trabalhadores e tomar uma decisão à respeito.

(3) problemas internas na aldeia: a história Kayapo é uma constante de separações e junções de grupos ou sub-grupos. Atualmente, uma cisão no P.I. Mēkrāgnotí é quase evidente. A metade da aldeia, sob liderança do velho chefe Bebgogoti e do chefe Kokorêti, ficarão na aldeia atual, enquanto que a outra metade, sob liderança dos líderes Bontire, Ayô e Kute'ê, se deslocarão para uma área na beira do Rio

Iriri:

-ou na area do Posto Candoca,

-ou na altura da boca do Rio Xinxim - e aí entrarão diretamente em conflito com a fazenda do Rio Iriri !

Já são 8 meses que existe uma tensão, sempre crescendo, na aldeia.

E já nos ultimos meses, alguns indios falaram abertamento sobre essa problemática interna e a eventual futura cisão...

e. Resumindo esta parte, ainda coloco o seguinte:

as 2 primeiras problemáticas (fazenda e motores) me preocupou muito. Estudei, então, com os proprios indios o que poderia ser feito, ou, melhor, o que è que realmente perturba eles. Cheguei a seguinte conclusão: o que perturba eles è

- de ter que ouvir constantemente motores, como 'sinal' da presença de "kubênkrùt" (Brasileiros) perto da aldeia deles;
- de ter que cruzar ou passar ao lado dos aldeamentos dos Brasileiros, nos caminhos de perambulação deles.

Cheguei, então, à conclusão que deveria-se limitar uma reserva com limites pelo menos 5 ou 7 kms. fora dos 2 rios que eles usam como caminhos (o Rio Xixê-Iriri e o Rio Curuaés-Curuá). De fato, a aldeia Mēkrāgnotí, sendo localizada entre 2 Rios, não è a area mais facil para demarcar ou delimitar: pegando os 2 Rios como limites, os Mēkrāgnotí do P.I. Mēkrāgnotí e do P.I. Bau, sempre vão ter essa tendência , tipicamente Kayapo (os Kayapo sempre foram guerreiros) de querer expulsar qualquer morador nesses 2 Rios - e isso no tocante na área onde eles passam regularmente ou menos regularmente.

A área que eu sugiro agora, então, è a seguinte:

da Cachoeira Canta Galo (no Rio Curuá), uma linha até a Cahcoeira Sabia (no Rio Iriri), travessar pelo menos uns 5 ou 7 kms. esse Rio, seguir o Rio Iriri-Xixê, até o alto Rio Xixê. De la uma linha até o Alto Rio Curuaés, travessando tambem esse Rio uns 5 ou 7 kms, seguir

o Rio Curuaés, até na Cachoeira Santa Galo.

Essa è a reserva ideal Mēkrāgnotí-Bau-Cāndoca ! Duvido que com qualquer outro projêto sera mantida a 'paz' nessa região...

#### 11. CONCLUSÕES :

Varias conclusões já foram anotadas no decorrer do proprio relatório. Coloco aqui, então, um resume de umas delas:

- I. pude observar, durante os ultimos 2 anos, uma assistência cada vez melhor e mais ampla, dada pela 2da D.R. (via a ajudância de Altamira) para os indios Mēkrāgnotí. A D.R. e a ajudância atendem à qualquer pedido de necessidade para os postos nessa D.R. (as vezes, è claro, por falta de transporte, demorra um pouco para chegar o que foi pedido). O que falta è o interesse dos funcionários nos postos para ver as necessidades e assim fazer os pedidos; ou simplesmente ver as necessidades e não fazer os pedidos 'porque não vão mandar mesmo' - mentalidade errada, è claro, e já que os funcionarios nunca fazem relatórios, as ajudâncias e as delegacias não sabem das necessidades nos postos.
- II. Assim, acho que deveria ter mais interesse dos proprios funcionarios da FUNAI em melhorar as diferentes situações nas comunidades. Geralmente um posto tem 1 ou 2 funcionários, e cada um só se preocupa ou se dedica ao tipo de trabalho no qual ele è especializado: assim por exemplo um enfermeiro só se preocupa com a enfermaria e a farmácia; um trabalhador brasal com construção de casas, limpeza na aldeia e na pista, etc. O que realmente falta, por isso, sao chefes de posto: a maioria dos postos só tem um brasal, um motorista ou um atendente de enfermagem como responsavel para a comunidade. Essas pessoas são, geralmente, limitados enquanto capacidade ou diplomacia com os indios. Acho que deveria-se começar de novo com os cursos de indige-



nismo. E a seleção para esses deveria ser mais dura, os cursos mais intensos (com estagio maior ?) para evitar que pessoas sem experiência nenhuma acabam sendo chefe de posto numa aldeia...

III. tendo em vista os problemas internos na aldeia Mēkrāgnotí, gostaria pedir à FUNAI de evitar que muitas pessoas vão ao P.I. Mēkrāgnotí este ano e o início do ano que vem. Seria melhor de deixar eles tranquilo durante uma certa época para eles resolverem, do jeito deles, os problemas deles. Sugeriria até que este P.I. seja fechado para qualquer visita de fotografo ou cineasta, até maio 1980 (i.è. até depois do proximo castanhal). E talvez até para antropologos in-experientes !

IV. a reserva indicada no mapa, anexado neste relatorio, è, ao meu ver, a unica solução para dar uma área adequada para esses indios, considerando a grande área de perambulação, o carater guerreiro desses indios e a atuação de outros grupos Kayapo nesses ultimos anos (atuações das quais nos podemos tirar uma lição para evitar problemas iguais no futuro).

## 12. AGRADECIMENTOS :

Será impossivel colocar a lista de todas as pessoas que me ajudaram de qualquer forma, durante esses 5 anos. Gostaria, porém, mostrar minha gratidão para

- General Ismarth de Araujo de Oliveira, ex-Presidente da FUNAI;
- a Sra. Joana Angélica Marinho;
- todas as pessoas do D.G.P.C. (e especialmente Dra. Delvair Montagner, Srta Conceição M. Rocha, Srta. E. Freire Gameiro, Sr. Rafael Bastos, Sra. Hildegarde) e do D.G.P.I.;
- Sr. Amaury Mota (delegado da 2da DR) e Sr. Salomão Santos (de Altamira);
- os pilotos da FAB e dos aviões FBU-FBV.

